



João W. Nery

Velhice transviada

Memórias e reflexões



Copyright © 2019 by herdeiros de João W. Nery

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Carlos di Celio

Foto da página 1

© Raphaela Comisso

Revisão do texto final

Solange Bastos

Entrevistas em BH

Participação de Lucas Ávila

Preparação

André Marinho

Revisão

Isabel Cury

Marise Leal

Na segunda parte deste livro, João W. Nery utilizou pseudônimos e propositadamente recriou ambientes ou alterou dados que pudessem, porventura, levar à identificação daqueles que não quiseram ter seus nomes revelados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nery, João W.

Velhice transviada : Memórias e reflexões / João W.

Nery. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2019.

ISBN 978-85-470-0093-6

1. Nery, João W. 2. Transexuais- Brasil - Autobiografia I. Título.

19-28942

CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas 920

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

*Dedico este livro às pessoas trans, sem voz, às mais invisíveis
para a sociedade: àquelas rotuladas de abomináveis, vistas
como pervertidas, que envergonham as famílias e os vizinhos,
que ainda menores foram punidas com a expulsão de casa, sem
abrigo específico para as acolherem na juventude nem na velhice e,
sobretudo, às que não têm direito à insolência da longevidade,
por morrerem assassinadas, ainda prematuramente.*

Sumário

Por tudo que dura 9

Velhice..... 13

PARTE I

1. Quem era eu..... 25

2. O poço da solidão..... 32

3. Primeiros contatos com idosos 37

4. Recordações de mamãe 43

5. Papai fez cem anos 49

6. As primeiras guimbas 55

7. A descoberta..... 62

8. A vida entre parênteses 69

9. O último cigarro..... 74

PARTE II

10. A velhice começou aos doze 85

11. Silva e a puta 98

12. Expulsa do shopping..... 103

13. Nascida do luto	109
14. Avô e avó	126
15. Sobrevivente da peste gay.....	132
16. O estilhaço de aborto	144
17. Não saí da prostituição, ela é que saiu de mim.....	153
18. Encontros com a morte	163
<i>Epílogo</i>	169

Por tudo que dura

Jean Wyllys

Conheci João primeiro por meio das palavras. Nada mais significativo. Palavras podem e devem construir pontes. Seu objetivo é compartilhar o mundo, e João compartilhara seu mundo e sua extraordinária história no livro *Viagem solitária*. Na primeira oportunidade que tive de conhecer João pessoalmente, eu o fiz. A gente se encontrou numa atividade na semana que antecede à parada do Orgulho LGBT de São Paulo e, depois, na própria parada. Nossa identificação foi imediata. A admiração, recíproca. Conversamos bastante, mais sobre nós do que sobre nossas causas comuns. Já naquele dia, João expressou uma preocupação com a combinação entre homossexualidade ou transgeneridade ou transexualidade e velhice. Na ocasião, ele já sabia, por sua longa experiência, que a miséria material, mas sobretudo a miséria afetiva de uma lésbica, gay, travesti ou transgênero tende a se ampliar na velhice. Lembro-me de que o contestei, ressaltando que, por mais triste que seja essa miséria afetiva ampliada com o avançar da idade (quando somos compulsoriamente ou não afastados dos entretenimentos e sociabilidades urbanos de LGBTs, marcados pelo culto à juventude, à beleza e ao consumo), durar no tem-

po ainda era — e é — um privilégio de poucos homossexuais e transgêneros. Quando não é o suicídio decorrente da depressão produzida pela transfobia ou homofobia ou não são as doenças sexualmente transmissíveis como a aids (ainda uma causa de mortalidade entre gays e travestis jovens pobres, principalmente entre os pretos), é o homicídio motivado pelo ódio à orientação sexual ou identidade de gênero que impede muitas lésbicas, gays, travestis, transexuais e bissexuais de terem uma vida mais longa.

João concordou. Porém, ativista e otimista que era, e por já ter visto tanta coisa mudar ao seu redor e em sua própria vida, ele me disse que daquele momento em diante e como fruto de nossa própria luta (da qual eu, em suas palavras, era “um resultado positivo inegável”), nós duraríamos mais, envelheceríamos mais e, portanto, chegaria a hora de tratar dessa combinação.

Eis aqui, neste novo e póstumo livro, o resultado das reflexões de João sobre a terceira idade de um homem transexual ou transgênero, mas que servem também, e muito, para gays e lésbicas. Em meio à escrita deste livro, João começou a adoecer gravemente. Talvez por isso ele estenda sua reflexão àquilo que a escritora americana Susan Sontag chama de “zona noturna da vida”, para a qual todos e todas já nascemos com um passaporte.

Porém, há mais esperança e proposições nessas páginas que dor. João era um homem que equilibrava bem isso na relação com as pessoas. Não escondia as dores e os dissabores que o abatiam e à comunidade LGBT, mas também não deixava de enxergar o arco-íris. Além de a narrativa ser generosa com o leitor, é sedutora.

Insisto em chamá-lo apenas de João neste texto, deixando o W. Nery de lado, porque gosto de me lembrar sempre da intimidade informal que mantínhamos entre nós.

Certa vez, numa conversa em Brasília, depois de um daqueles momentos em que o silêncio se impõe por falta de mais assun-

to, João me olhou fixamente — seus olhos bonitos — e me disse: “Sabe, menino, eu gosto de você como se fosse um filho. Mais que um pai, eu sinto como se fosse uma mistura de pai e mãe, porque você desperta mais o meu instinto materno, se é que isso existe, do que o paterno”. Eu não disse nada. Apenas o abracei demorado. E lhe agradei.

João, qualquer que seja seu outro nível de vínculo com o espaço-tempo, saiba que há aqui alguém muito grato por tudo que você fez, por tudo que você durou e por tudo que você deixou em mim.

Boa leitura, gente!

Velhice

Inimiga evidente e soturna, que não nos larga o braço nem por um segundo.

Com saltitantes choques,
minas a ingênua crença de sermos exceção (ilusória mortalidade).

Poderias caminhar comigo, lado a lado,
Mas por que teimas em mim? Na minha carne?
Por dentro dos meus ossos?
Despegue-se-me um só instante,
para eu me atrasar na juventude!

Bruma geral que a todos cobre.
Que consolo este, de serdes apenas,
o grande álibi para as nossas mazelas?
Que química do horror destila na pele criando outro rosto?
(Que rosto tínhamos, quando não sabíamos?)

És cruel. Não caminhas tão lenta quanto o esquecimento.
Em riste, apontas sempre para o fim,
só por anunciares o início de qualquer transformação.
Que importa? Já não serei eu.
Serei outro — esse eterno desconhecido familiar...
E depois, nem mesmo sei da certeza
desse meu apego a mim, como sou!
Talvez até, ter outro em mim já não importe mais.

Em qual direção me conduzirás?
Para a dos hóspedes, a quem foi apenas concedida
permissão para ainda permanecer na portaria reformada,
ou para a dos usurpados,
pelas ultrajantes gerações subseqüentes?

Gostaria de recebê-la docemente, sem pensar.
Envelhecer de tudo no mesmo ritmo das células.
Mas, já que és futuro indesejado e temido,
faz-te atraente e tranquila,
esvazia o sentido dos meus assustamentos,
torna-me sedentário no corpo e na alma,
conciliando assim o ter com o desejar.
Dá-me enfim a ousadia necessária de me ver gargalhar,
com a dentadura a gargalhar dentro do copo.

João W. Nery escreveu esse poema aos 35 anos

Nasci na época certa, a da “juventude transviada”. Eram os que se desviavam do rumo “normal”. O filme dos “rebeldes sem causa”, de 1955, foi aquele que retratou o jovem motoqueiro, de casaco de couro e cigarro no canto da boca como eu, carregando no peito um sentimento de impotência, de dúvidas e de falta de sentido neste mundo pré-formatado. Era uma geração que começava a querer um modelo alternativo de sociedade e que, pouco mais de uma década após o filme, faria acontecer o grande evento sociopolítico-cultural de maio de 1968 mundo afora.

As dúvidas continuam na minha velhice transviada: se sou um transvelho vivendo em um novo mundo ou a releitura de um mundo velho, ou se sou um cara que reinventei meu velho mundo novo. Não tenho mais como acompanhar todas as novidades e digeri-las: a rapidez da robótica, da biotecnologia, dos programas para celular ou dos ritmos musicais. Tudo é mais lento e doído, da cabeça aos pés.

Falar da velhice é complicado, sobretudo quando ela é transviada. O segmento transmasculino é considerado relativamente “novo”, surgido como categoria visível e política em 2011, após a